

ESTUDO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Edileide de Jesus Gomes

Universidade Virtual do Estado de São Paulo

Adelice Pereira de Jesus

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este artigo busca analisar as dissertações publicadas sobre Educação Física (EF) escolar e gênero, no período compreendido entre os anos de 2014 e 2018, por meio de uma metanálise qualitativa e revisão sistemática na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Objetiva investigar em produções acadêmicas publicadas na internet, quanto ao debate da relação de gênero nas aulas de EF escolar. Propomos analisar estudos acadêmicos sobre práticas de ensino na Educação Física escolar binária, refletindo aprendizagens, igualdades entre os seres humanos, enquanto construtores históricos: ativos, reflexivos e conscientes dos papéis de gênero socialmente construídos. As análises empreendidas neste estudo têm por finalidade reiterar a urgente e necessária superação de uma educação machista, sexista que delega à mulher um papel secundário. Analisamos como discussões acerca de gênero na EF podem estimular posturas emancipadoras de mulheres violentadas como sujeitos históricos.

Palavras chave: Educação Física Escolar. Formação Docente. Gênero.

INTRODUÇÃO

As aulas de Educação Física (EF) não são mais, legalmente, separadas por gênero, foi um processo que iniciou na década de 1990. No entanto, não significa que essa prática tenha sido abolida completamente das escolas, na justificativa de que determinadas concepções das possibilidades de movimentos do corpo são distintas para meninos e meninas.

Para tanto, as desigualdades entre gênero feminino/masculino vêm sendo discutida atualmente, visto que, frequentemente deparamos com situações discriminatórias entre os sexos na sociedade. Durante as aulas práticas de EF, os meninos sempre destacaram nas aulas e são dadas a eles mais oportunidades de jogo, isso devido a construção histórica e naturalizada dos papéis de gênero, onde homens e mulheres tinham papéis definidos na

sociedade devido o gênero, aos homens, atividades livres, vida pública, enquanto as mulheres, espaço privado, dona de casa e cuidar do lar.

Chartier (1995, p.40-44) afirma que ao “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação [...] é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal”.

Nesse sentido, corroborando com Chartier (1995) é possível asseverar que práticas rotineiras nas aulas de Educação Física fortalecem a discriminação da igualdade de gênero, inferiorizando a capacidade feminina e minimizando suas potencialidades. É comum nas aulas práticas de EF professor (a) do ensino fundamental entregar a bola para os meninos jogarem futebol e as meninas ficarem no canto da quadra conversando entre elas.

Neste contexto, as aulas mistas trazem impactos no processo de ensino/aprendizagem, oportunizando a participação de meninas nas aulas de EF, mas essas oportunidades são visibilizadas quando na hora de fazer uma demonstração de movimentos geralmente são convocados os meninos e as meninas são meramente coadjuvante. Neste caso, essa pesquisa vem com o seguinte questionamento, como os meninos nas aulas de Educação Física são vistos com mais habilidades pelos professores/as, promovendo segregação de gênero nas aulas de EF e não uma educação para a equidade das relações dos sujeitos?

Desta forma, é necessário promover espaços de diálogos nas formações de professores, onde os participantes se reconheçam como autores de vivências, preocupações e inquietações, explicitadas no trabalho individual e coletivo, precisamos investir em estudos relacionados aos assuntos como questões de gêneros e EF, na intenção de buscar mudanças futuras nas práticas realizadas nas aulas.

Pensando nisso, essa pesquisa tem como objetivo investigar como as produções acadêmicas publicadas na internet propiciam conhecimentos capazes de problematizar o (re) conhecimento acerca das questões de gênero e produzirem um saber reflexivo para detectar situações de violências de gênero nas aulas de EF e analisar a desigualdade de gênero no âmbito escolar, especificamente nas aulas de EF e como a prática excludentes entre os sexos biológicos dificulta o processo de equidade entre os gêneros masculino/feminino presentes na educação básica.

Estudar sobre segregação de gênero é relevante tanto para a teoria social quanto para a educação. Visto que na teoria social é importante refletir sobre as mudanças para que as mulheres se sintam pertencentes em todos os lugares, para a educação é imprescindível à

interação entre os sujeitos formandos e formadores e é no espaço escolar que o aluno aprende agir na sociedade. Além do interesse subjetivo, que se deve pela afinidade e curiosidade com as questões de gênero e partindo das observações feitas, tanto durante nossa vida escolar como nos estágios.

A pesquisa é baseada em análise de dados que permite investigar as dissertações de mestrados que foram defendidas e aprovadas entre os anos de 2014 a 2018 e que estivessem disponíveis na BDTD¹, com o cruzamento das palavras-chave, nos quais foram localizadas as dissertações apresentadas no item “Resultados”, a seguir. Inicialmente foi necessário fazer uma breve leitura sobre todos os resumos dos trabalhos encontrados, para identificar se de fato as dissertações eram relacionadas ao tema desta pesquisa. Ao realizar a seleção final dos escritos a serem investigados, iniciamos a análise para responder aos objetivos específicos desta pesquisa. A pesquisa está estruturada em duas seções, na primeira é a revisão de literatura no qual dialogamos com autores sobre a segregação de gênero nas aulas de EF e a necessidade da igualdade e equidade de gênero; na segunda seção trazemos o percurso metodológico e o resultado da pesquisa.

Nesta conjuntura de anseios, singularidades, angústias e incertezas, pensar sobre as ações sociais estereotipada das concepções de gênero, que privam direito entre os gêneros nas classes de EF, urge questionar a formação de novos professores que atuarão dentro das escolas, investiga sobre as produções acadêmicas relacionadas a esse tema, buscando possibilidade de compreendermos se o debate sobre gêneros é algo que vem ocorrendo nos tempos atuais dentro das universidades, no processo de formação de professores, e de que forma estes acontecem.

REVISÃO DE LITERATURA

A construção de um processo formativo não precisa e nem pode ser solitária, em particular quando estamos lidando com pluralidades identitárias e com pluralidades de vivências que acontecem em um mesmo espaço-tempo. Mais do que nunca, o *outro* e sua experiência, com seus questionamentos e respostas, são importantes para a compreensão mínima da construção indentitária em formação. Tal asseveração coaduna com a afirmação

¹ A biblioteca virtual foi coordenada e desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico link <http://bdtb.ibict.br/>



de que “somente através dos outros é que adquirimos um verdadeiro conhecimento de nós mesmos” (GADAMER, 2006, p. 12). Arraz (2018) indica que a infância é uma fase muito importante da vida e que é nela que se constroem os alicerces da vida, dentre eles cita o desenvolvimento das habilidades motoras, descoberta de maiores paixões e desenvolvimento de hábitos negativos que podem carregar consequências para vida. Ele explica também que a prática da atividade física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais para a vida.

Vale assinalar a importância da atividade física na infância, onde a EF escolar tem o seu papel, não tão somente para o desenvolvimento de habilidades físicas e descobertas de novas paixões, mas também como formação de um ser humano saudável e que encontra no movimento do corpo o bem-estar. Arraz (2018) afirma que a possibilidade de vivência de socialização e desfrute de atividades lúdicas, sem caráter utilitário, é essencial para a saúde e o bem estar coletivo, ele ainda afirma que o lazer e a disponibilidade para atividades lúdicas e esportivas são necessidades básicas e direitos de todos e não deve ser privilégio de esportistas ou de pessoas que tem condições de pagar clubes e academias, dessa forma, incentiva-nos a dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso para todos é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas que envolvem atividade física.

A história da EF foi marcada pela presença do higienismo e do militarismo, fatores geraram uma forte influência para manter as matrizes de gênero que atravessam a sociedade e a cultura. Essas matrizes de gênero chegam até o processo educativo, nas aulas de EF onde muitas aulas são organizadas com meninos e meninas sendo educados de formas distintas, o que tende a fortalecer a desigualdade de gênero e a construção de sujeitos masculinos e femininos, e não a construção de sujeitos apenas (SILVA E ALVES, 2016 apud KNIJNIK E ZUZZI, 2010).

O higienismo possuía como preocupação principal os hábitos de higiene e saúde, valorizando tanto o desenvolvimento físico quanto o moral, a partir do exercício. E o militarismo ainda segundo Daolio (1995) é uma tendência biologicista e expressa a forma como os professores compreendiam os alunos, considerando-os de forma homogênea, na EF militarista os professores passaram a atuar recorrendo a filosofia e a militarização, os corpos dos alunos eram institucionalizados e o aspecto educacional da prática era renegada.

As mulheres começaram a ser incluídas de forma mais frequente nas aulas de EF, porém separadas dos homens. A separação ocorria, pois, os exercícios masculinos eram mais rigorosos e a ginástica feminina era mais branda. O objetivo desta inclusão era favorecer a saúde feminina, porém atrás desta ação, na verdade, o que havia de fato era a preocupação com as futuras mães, assim a EF feminina se preocupava em preparar o corpo de suas alunas para uma boa gestação. Ao ficarem grávidas eram dispensadas das aulas. O pensamento era voltado para o nascimento de brasileiros puros e saudáveis, para tanto deveriam ter mães saudáveis (GHIRALDELLI JUNIOR, 1998 *apud* FERREIRA e SAMPAIO, 2013).

Historicamente as mulheres sempre exerceram papéis secundários em diversos setores da sociedade em relação aos homens, e essa relação estabelecida de superioridade masculina ainda é disseminada na sociedade e continua sendo reforçada por muitos professores em suas aulas, deixando transparecer os estereótipos e os preconceitos de gênero (MATOS, BRASILEIRO et al., 2009 *apud* CRUZ e PALMEIRA, 2016). A escola, enquanto espaço de formação tem papel importante em levar os conhecimentos sobre a temática, que muito aflige vidas de crianças/ adolescentes agravando-se quando insere o binômio raça/ classe social no desígnio de conscientizar sobre a igualdade de gênero nas particularidades de cada ser.

Os espaços educacionais representam campos privilegiados de socialização, devendo receber “especial” atenção o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, vão construindo suas identificações, (re) construindo seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo (DIAS, 2014). De acordo com Judith Butler (1990, p.33 *apud* GODOY, 2017, p. 18) a concepção de gênero é:

A contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígidos e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser.

Entender sobre a imposição do ser menino e menina pela sociedade, Godoy (2017) faz eco a Guizzo (2013) quando diz que determinamos modos de ser menino ou menina, determinamos lugares e posições que cada um pode ocupar, são mostrados com frequência por meio de vários meios de comunicações de maneira que naturalize tais práticas e as tornem incontestáveis. Assim vão sendo inseridos aos discursos do senso comum e por



muitas vezes são esses discursos que acabam por orientar os processos educacionais de crianças, jovens e adultos.

Ao almejarmos uma realidade no ensino aprendizagem para a equidade, é necessária a formação inicial e em serviço de professores de forma que se preparem epistemologicamente e subjetivamente, para minimizar essa problemática sobre as relações de gênero na sociedade, questão que revela a necessidade de debater sobre: Como os meninos em detrimento as meninas são percebidos nas aulas de Educação Física com diferentes habilidades pelos professores/as, promovendo segregação de gênero nas aulas de EF e não uma educação para a equidade das relações dos sujeitos .

A relação com a imagem atribuída às meninas também é parte de uma construção social que fortalece a segregação de gêneros, como afirmam Silva e Alves (2016) quando citam em sua pesquisa - Estudos de gênero na EF escolar e no esporte: alguns contrapontos – o que reforça a afirmação de Daolio (1995, p. 102) que deixa clara as expectativas sociais de meninas e meninos desde a infância.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem [...] pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes [...] em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar.

Os meninos desde cedo tem mais incentivo a desenvolver suas habilidades motoras até através de brinquedos, já as meninas são incentivadas a serem delicadas e se prepararem para cuidar do lar e ter bons modos. Embora tenham ocorrido há mais de 20 anos, as afirmações trazidas por Daolio (1995) tratam de um tema ainda atual, presente em muitos lares e também em muitas escolas.

Segundo Louro (1997, p.24), “discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. A escola por si só é reprodutora das desigualdades, de modo irrevogável em todas as esferas”. Louro (1997) reconhece a importância de algumas características das propostas educativas classificadas, genericamente, como constituintes da “pedagogia feminista”, seja pela visibilidade que essas adquiriram em algumas sociedades, seja pelo caráter de “modelo” que assumiram.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento do estudo foi adotado o método da metanálise qualitativa que segundo Alencar e Almouloud (2017) é uma das modalidades de pesquisa bibliográficas que executam revisões sistemáticas, sendo importante para a busca e definição de alguns aspectos da área de investigação. Identifica as possíveis melhorias que podem ser efetuadas nas teorias, nas metodologias, e nas tendências de investigação, observando ainda quais aspectos necessitam ser abordados e aprofundados.

As categorias de análise utilizadas, inicialmente foram: tema da dissertação, ano de publicação, problema de pesquisa, tipo de pesquisa, método adotado, números de participantes (masculino e feminino), local, conclusão, solução, quantidade de bibliografia adotada relacionada a gênero e quantidade de bibliografia adotada relacionada a gênero na EF.

Para isso, identificamos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) quantas dissertações foram publicadas entre os anos de 2014 a 2018 tratando sobre o tema gênero na EF escolar, logo em seguida analisamos sobre qual enfoque ocorre à escrita nas dissertações de mestrado defendidas e disponibilizadas na base de dados BDTD quanto à participação de gênero dentro das aulas de EF escolar. E por fim verificamos dentre as dissertações encontradas quais são as ações apontadas para redução ou extinção das desigualdades de gênero dentro das escolas.

Os dados qualitativos foram construídos a partir das revisões bibliográficas, como Gerhardt e Silveira (2009) definem a pesquisa qualitativa como uma pesquisa que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, que se preocupa com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados centrando-se na compreensão.

RESULTADOS

Evidenciamos que ao iniciar o estágio² de EF escolar no ensino fundamental I no segundo semestre de 2018, cursando o 4º semestre da faculdade em licenciatura em Educação Física, foi observado na escola onde o estágio foi praticado que o modelo das aulas de EF escolar,

² Estágio realizado por uma das autoras

era bem parecido com as que tiveram acesso enquanto aluna da Educação Básica, entendendo que, durante anos, as metodologias na aula EF permaneciam as mesmas.

Em análise em uma das atividades observada, a docente que ministrara as aulas durante o período do estágio, dividiu a turma entre meninos e meninas e para cada grupo eram aplicadas atividades diferentes, aos meninos ações que demandavam mais dificuldade, por outro lado para o grupo das meninas atividades facilitadas, o que ocasiona uma diferente progressão no desenvolvimento delas dentro do ambiente esportivo, visto que foram menos estimuladas. Ao término da aula a professora liberava os meninos para irem tomar água e voltar para a sala, e as meninas ficavam para ajudar na organização do material. Em situações nas quais na aula eram exibidos vídeos, as meninas ficavam ao final das exposições e ajudavam a professora a arrumar as carteiras que todos haviam utilizado, reforçando assim a desigualdade entre eles, onde os meninos eram privilegiados se isentando dos afazeres organizacionais da escola.

Enquanto aluna da Educação Básica, sentia inquietação quanto às diferenças de tratamento dos alunos/as em razão do gênero, porém, ao iniciar o curso superior na área, esses desconfortos aumentaram, pois foi nítido que as desigualdades estão instaladas em todas as esferas da educação, assim, este estudo justifica-se pela necessidade de compreensão e reflexão das razões pelas quais, mantem-se um quadro no qual a pessoas do gênero masculino são atribuídas funções e estímulos distintos das pessoas de gênero feminino.

Deste modo, apresentamos a seguir os resultados obtidos a partir da análise das dissertações publicadas na BDTD entre os anos de 2017 e 2018, entretanto, neste período, apenas 03 dissertações contemplavam a temática de gênero e EF escolar. Devido a pequena quantidade de publicações localizadas, ampliamos a busca para os últimos cinco anos, assim, a pesquisa buscou as dissertações disponíveis no site da BDTD entre os anos 2014 e 2018.

A nova busca foi realizada com as palavras chaves “gênero” e “EF” nos anos já mencionados. O resultado dessa busca nos apresentou 190 dissertações, porém nem todas se aproximavam da temática aqui investigada. Assim, foi necessário realizar a leitura dos resumos de cada uma dessas dissertações e a partir dessas leituras localizamos 08 dissertações que vêm de encontro ao tema deste estudo.

No quadro 1, a seguir, indicamos os títulos das dissertações localizadas e adequadas ao estudo e seus respectivos anos de publicação.

Quadro 1 – Anos e títulos de dissertações publicadas entre 2014 e 2018 na BDTD

N.	Ano	Título
1	2018	As relações de gênero na educação do corpo
2	2017	Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeira
3	2017	Narrativas e histórias em quadrinhos: reflexões sobre o preconceito e exclusão nas práticas corporais
4	2015	As relações de gênero no espaço da educação física escolar no município de Pio XII – MA
5	2015	A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física sob uma perspectiva de gênero
6	2014	Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições
7	2015	Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo e o Facebook
8	2014	As relações de gênero entre crianças nas brincadeiras

A técnica de organização de informações utilizada foi uma tabela de categorias, onde analisamos todas as dissertações localizadas e subdividimos para elaborarmos os resultados. Na tabela 1, a primeira coluna refere-se às dissertações encontradas, enumeradas de 1 a 8, na segunda coluna estão os números de referências bibliográficas utilizadas para a elaboração da dissertação, na terceira e quarta colunas encontram-se os números de referências bibliográficas adotadas sobre a temática de gênero na EF escolar, na quinta e sexta colunas podemos ver a quantidade de referências utilizadas relacionadas somente às questões de gênero. Organizadas desta forma, cada dissertação nos trouxe preciosas informações sobre as suas composições.

Tabela 1 - Referências relacionadas a gênero e gênero na EF escolar

Dissertação	Total Refs.	Gênero na EF escolar		Gênero	
		N	%	N	%
1	94	2	2,13	40	42,55
2	43	0	0,00	10	23,26
3	93	8	8,60	3	3,23
4	92	15	16,30	9	9,78



5	89	22	24,72	13	14,61
6	34	10	29,41	9	26,47
7	139	22	15,83	26	18,71
8	68	14	20,59	11	16,18
Total	652	93	14,26	121	18,56

Observando a Tabela 1 podemos identificar que a dissertação que mais teve referências relacionadas a gênero em sua pesquisa, com 42% de representatividade, foi a primeira dissertação, porém quanto a gênero na EF escolar foi a segunda que menos teve referências consultadas, com apenas 2,13% de incidência, em seguida, vem a dissertação 6 que além de se destacar por ter menor quantidade geral de referência em sua pesquisa, é a segunda com maior incidência de referências relacionadas a gênero, 26,47%, e a primeira relacionada a gênero na EF escolar com 29,41%. A dissertação 7 é a que apresentou o maior número de referências em sua pesquisa, com 139 referências bibliográficas, porém somente 18,71% estão relacionadas a gênero e 15,83% a gênero na EF escolar. Podemos observar também que a dissertação 2 com 43 referências somente 23,26% trata-se de gênero, referente a gênero na EF escolar não nos apresenta nenhuma leitura e a dissertação 3 que é a terceira em quantidade de referência e é a que tem menor incidência percentual relacionada a gênero, do total, somente 3 referências falam de gênero, o equivalente a 3,23% enquanto sobre gênero na EF apresenta 8 referências o que equivale a 8,60% do total. Já a dissertação 4, que tem quase a mesma quantidade da terceira, o resultado da nossa busca teve um crescente, de 92 referências localizadas, 09 correspondiam a gênero e 15 a gênero e EF escolar, 9,78% e 16,30% respectivamente, o que apesar do crescente relacionada a terceira ainda é muito pouco. A dissertação de número 5 tem em sua totalidade 89 referências e delas 24,72% tratam de gênero na EF escolar, mas somente 14,61% são sobre gênero e por fim a dissertação 8 com 68 referências apresenta somente 20,59% sobre gênero.

Verificamos que os estudos referentes à EF e gênero existem há muito tempo, porém nos últimos 5 (cinco) anos na plataforma da ABTD foram publicadas somente 8 dissertações ligadas a EF escolar e gênero. Hairy (2016) diz que para compreender as relações de gênero na sociedade, deve-se voltar para a questão de gênero no ambiente escolar, repensando a atuação do profissional da área, pois a disciplina no ambiente escolar contribui para ser um local propício para discussão de gênero.

Para nos aprofundarmos no entendimento das dissertações investigadas, procuramos localizar quais eram os problemas de pesquisa que cada uma delas apresentava. Assim, nos objetivos de cada uma identificamos quais as metas que pretendiam alcançar e pudemos verificar que havia certa similaridade entre eles, porém, o número de problemas de pesquisa apresentado é superior a 8, que é número de dissertações investigadas devido a haver mais um problema de pesquisa em 2 dissertações, conforme apresentado na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Problemas das pesquisas

Categoria	N	%
Diferenças de práticas corporais entre homens e mulheres pela ótica dos estudantes de EF	2	20
Construção de identidade de gênero na infância	3	30
Diferenças de práticas corporais entre homens e mulheres pela ótica dos professores	5	50
TOTAL	10	100

Em 50% dos problemas apontados nas dissertações o debate sobre as diferenças de gênero tem grande enfoque nas práticas dos profissionais que já atuam no mercado de trabalho, o que manifesta a existência do problema dentro das escolas, pelo olhar dos professores. Tais estudos buscam entender, esclarecer e solucionar esta questão indo de encontro com as metodologias de ensino utilizadas por estes professores em aula, o que destacamos como grande importância uma vez que os professores são essenciais nesta mudança. Segundo Sabatel et al. (2016) alguns professores ainda acreditam que a segregação nas práticas corporais nas aulas de EF é mais proveitosa e melhora a qualidade da aula devido os meninos serem mais habilidosos.

Outro resultado encontrado em nossos estudos representa 30% dos problemas de pesquisa analisados, reforça que existe o problema de gênero dentro das escolas a partir da educação infantil, de tal forma que é necessário haver investigações e incentivos sobre o debate da questão. Preocupam-se com os espaços que essas crianças estão inseridas e de que forma as instituições estão intervindo em favor da igualdade de gênero.

Construir novas reflexões sobre os papéis sociais de homens /mulheres na infância relacionada a estudos na área da EF, buscando questionar as instituições sobre a metodologia adotada é extremamente relevante, pois como afirma Arraz (2018), a infância é uma fase da vida muito importante, nela começamos a desenvolver as nossas habilidades

motoras, tomadas de decisões e a EF contribui para que essas crianças tenham autonomia no desenvolvimento das questões de gênero, principalmente na infância, fase que potencializa essas aprendizagens.

Em aprofundamento nos estudos, percebemos que 20% os trabalhos que tratam das diferenças de gênero na EF a partir da ótica dos alunos, demonstram o interesse em colaborar com a reflexão acerca do tema a partir dos agentes praticantes das aulas nas escolas. Buscando entender como esses alunos reconhecem o ser homem e ser mulher na sociedade e referente as práticas corporais em um curso, e mesmo buscando depoimentos de alunos através de histórias em quadrinhos para compreender a visão destes diante do exposto. Arraz (2018) explica que a prática da atividade física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais para a vida.

Em virtude dos dados expostos e procurando explicar nossos estudos, analisamos pontos chaves das conclusões que os autores chegaram em cada trabalho, conforme exposto na Tabela 3.

Podemos constatar nesta tabela seis tópicos distintos, mesmo tendo oito dissertações apresentadas neste artigo, isto se deu por que existem semelhanças nas conclusões de algumas dissertações. Por outro lado, uma única dissertação pode ter compreendido mais de um tópico dos destacados, assim, obtivemos 10 respostas, mesmo sendo apenas 8 trabalhos analisados.

Tabela 3 – Conclusões das dissertações

Tópico	Conclusões	N	%
1	Barreira para expressão da cultura corporal	1	10
2	Educação do corpo que direciona científica e culturalmente para a formação do sujeito feminino ou masculino	1	10
3	Crianças replicam os papéis de gênero dos adultos que convivem	1	10
4	Brinquedos e brincadeiras explicitam a feminilidade e masculinidade normativos	1	10
5	A utilização de experiências em um processo de construção na qual os protagonistas são os alunos, permitiram que eles aprendessem sobre preconceito e exclusão, resignificando as experiências negativas	4	40



6	O incentivo do professor à competitividade dentro das aulas reforçava a diferença entre gêneros, corroborando os estereótipos associados à prática de atividade física e sexualidade	2	20
TOTAL		10	100

Dos seis tópicos de conclusões apresentados 4 tiveram particularidades em seus resultados sendo representados somente em uma dissertação cada. O primeiro apresentado na Tabela 3 com 10% de incidência, sendo ele *Barreira para expressão da cultura corporal*, concluiu que o gênero ainda é uma barreira para as práticas de atividade física no curso de EF (em Goiânia) dentro e fora da instituição de ensino. Oliveira, Schellin e Rigo (2011) concluíram que a baixa participação das meninas nas aulas de EF, está relacionada à falta de motivação e estratégia dos professores, falta de infraestrutura, aos materiais utilizados nas aulas, espaços alternativos para práticas variadas, dentre outros.

O segundo tópico também apareceu apenas uma vez, 10% de incidência dentre as dissertações investigadas, nele observa-se a indicação de que é a *Educação do corpo que direciona científica e culturalmente para a formação do sujeito feminino ou masculino*. Aqui mais uma vez vem de encontro ao que afirma Godoy (2017) quando cita Guizzo (2013) e nos diz que nós determinamos modos de ser menino ou menina quando determinamos lugares e posições que cada um pode ocupar, essas determinações são mostradas com frequência em meios de comunicações de forma que são naturalizadas e se tornam senso comum.

O terceiro e o quarto tópicos são informações extraídas de uma mesma dissertação com 10% de representatividade cada, na de número três que diz que *Crianças replicam os papéis de gênero dos adultos que convivem* nos remetem ao o que escreveu Cruz e Palmeira (2016) quando fazem eco a Matos, Brasileiro et al. (2009) afirmando que há uma disseminação da “superioridade” masculina reforçada pelas construções históricas em que as mulheres exerceram papéis secundários em diversos setores da sociedade em relação aos homens.

O quarto e quinto tópico, aparece em 4 das 8 dissertações, representa 40% das conclusões analisadas, refere-se a utilização de experiências em *Um processo de construção na qual os protagonistas são os alunos, permitiram que eles aprendessem sobre preconceito e exclusão, ressignificando as experiências negativas*, para chegar a este resultado cada pesquisa utilizou de recursos diferentes e bem originais, em uma delas foi realizada roda de

conversa com os alunos após as brincadeiras aplicadas em aula, outra utilizou uma rede social como objeto de estudo para análise e opinião dos alunos, a terceira, observação para compreensão de que habilidade motora não é herança biológica e que o espaço considerado masculino também pertence as mulheres, e a quarta fez uso de narrativa de histórias em quadrinhos construídas pelos próprios alunos.

O último tópico que aparece em 2 dissertações com 20% de representação, trata-se de um assunto muito preocupante, nos informa que *O incentivo do professor à competitividade dentro das aulas reforçava a diferença entre gêneros, corroborando os estereótipos associados à prática de atividade física e sexualidade* ou seja, os professores estimulavam a diferença entre os alunos e indo de encontro ao que afirmam Sabatel et al. (2016) quando dizem que ainda na concepção de muitos professores a segregação melhora a qualidade e aproveitamento das aulas já que culturalmente os meninos são vistos como mais fortes e habilidosos que as meninas nas práticas esportivas e jogos coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os métodos e pesquisas diversas anteriores, evidencia que o um dos modos de mudar mesmo o mundo é através da escola, visto que, a educação continuar sendo o principal meio de formação do ser humano, capaz de quebrar as barreiras entre as diferenças de gêneros no processo ensino aprendizagem nas aulas de EF de nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A problemática que conduziu esta pesquisa nos permitiu observar a carência de trabalhos produzidos nos anos de 2014 a 2018, na maioria das dissertações pesquisadas, notamos poucas referências estudadas pelos autores na temática de gênero e gênero na EF escolar, chegando a ter uma dissertação sem nenhuma referência sobre gênero na EF escolar.

No entanto com a contribuição dos autores citados neste estudo, percebemos que tanto a construção do ser menino e menina e das limitações de ocupações de espaços e ações são impostos socialmente, disseminados e reforçados pela educação escolar, inclusive nas aulas de EF. Outro ponto observado é que as pesquisas sobre gênero, em sua maioria são preocupações de mulheres e isso pode ser uma demonstração da busca de mulheres pela equidade de gênero dentro das aulas de EF.

O gênero ainda é uma barreira para expressão corporal e a educação do corpo direciona o ser menino e menina no âmbito científico e cultural, é importante que haja motivações dessas meninas para participações nas aulas de EF escolar e que os estereótipos de gênero sejam abolidos tanto dessas aulas, quanto das representações de brinquedos e brincadeiras, como também é necessário abrir espaços para as falas dos alunos sobre assuntos relacionados ao tema e as suas vivências pessoais e conscientização dos professores para que não trabalhem com segregação por gênero em suas aulas.

Dessa forma, urge reconhecer a importância da EF como propulsora do desenvolvimento motor dos alunos e formação de habilidades, capaz de auxiliar no desenvolvimento social dos discentes, tornando assim, disciplina fundamental para a integridade dos sujeitos sobre as questões de gênero, autônomos, contribuindo de forma assertiva na formação desses alunos.

Deste modo, nosso estudo visa promover novas discussões com a temática EF escolar e gênero, a fim de trazer o debate do tema para o nosso cotidiano e colaborar para que não continue a ser reproduzido, buscamos com a pesquisa justamente entender como a educação minimiza as violências de gênero na sociedade, significando a prática pedagógica com experiências e vivências, possibilitando aprendizagens e desenvolvimento igualitário entre os alunos de forma que o gênero não seja um empecilho para a prática de atividade física e visando um modelo de ensino coincidente, onde todos tenham as mesmas oportunidades, enxergando o gênero com naturalidade, não como um modelo antigo de imposição social.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edvoneete Souza de. ALMOULOUD, Saddo Ag. A metodologia de ensino. Metassíntese qualitativa. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 204-220, Set./Dez. 2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322446734_A_metodologia_de_pesquisamestasintese_qualitativa. Acesso em 29. Mar.2019

ARRAZ, Fernando Miranda. A Importância da Atividade Física na Infância. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 08, Vol. 01, pp. 92-103, Agosto de 2018. ISSN:2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/atividade-fisica-na-infancia>. Acesso em 06. Mai.2019

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases 9394/96**. Brasília: Senado Federal 20 de dezembro de 1996, Artigo 29, 2005.



BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, 1998.

DIAS, Afrancio Ferreira. **Representações sociais de Gênero no trabalho docente**: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação. Vitória da Conquista (BA): EDUESB, 2014.

CAMPOS, A. F. et al. A questão de gênero nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Santo André, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/genero_aulas.pdf Acesso em 12/04/2018.

CRUZ, M.M.S., PALMEIRA, F.C.C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.1, jan/mar.2009. Disponível em http://boletimf.org/biblioteca/2425/artigo/BoletimEF.org_Construcao-de-identidade-de-genero-na-Educacao-Fisica-escolar.pdf. Acesso em: 05 mai. 2019.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: uma abordagem cultura. In: **Educação física escolar**: ser... ou não ter? Org. Vilma L. Nista. Piccolo, 3º Edição. Campinas/SP: Editora da UNICAMP. 1995.

DARIDO, S.C.; RANGEL. I. C.. A. **Educação física na escola**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior)

FERREIRA, H; SAMPAIO, J. **Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde**. Educação Física- Universidade Estadual do Ceará. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 18 - Nº182 - Julho de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/tendenciaspedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 07 mai. 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer (revisão da tradução de Enio Paulo Giachini). 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).

GERHARDT, Tatiane Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante. **Discussão de gênero nas aulas de educação física**: Uma visão sistemática. Motrivivência. Salvador, V 28, n.47, p.201-277, maio 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175.../31831> Acesso em 30/03/2018.



SABATEL, Glenda Macedônia Gutierrez; ALVES, Stephanie de Sousa; FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. Gênero e sexualidade na educação física escolar: Um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do LILACS e SCIELO. **Pensar a prática**, Goiânia, v.19, n.1, p. 196-208, janeiro/março. 2016. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/34159> Acesso em 29/03/2018.

SILVA, Kayro Hairy Arrais; ALVES, Antônio Souza. Estudo de gênero na educação física escolar e no esporte: Alguns contrapontos. **In: VIII Fórum internacional de pedagogia**, 2016, Maranhão. Disponível em https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA7_ID4_034_30092016191017.pdf. Acessado em 13/04/2018.

SOBRE AS AUTORAS

EDILEIDE DE JESUS GOMES

Graduada em Educação Física- Licenciatura- pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)- Graduanda em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) Email: edileidegomes2@gmail.com

ADELICE PEREIRA DE JESUS

Mestra em Ensino Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia PPGELS/UNEB -Campus VI/ Caetité. Integrante do grupo de Pesquisa: Ensino Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq) Professora da educação de jovens e adultos do Ensino Fundamental II, da rede municipal de Palmas de Monte Alto -Ba. E-mail: minga27@hotmail.com.